

**POR UM  
*PESQUISAR-DANÇAR*  
COM ANIMAIS EM  
PSICOLOGIA SOCIAL**

Dolores Galindo  
Danielle Milioli



A Psicologia Social - na multiplicidade que a configura - em diálogo com os *Science Studies* e as epistemologias feministas, vem timidamente participando dos debates e pesquisas em torno da chamada *virada animal* ou *estudos animais*, deslocamento epistemológico e ontológico cada vez mais presente nas Ciências Humanas, como bem observa Stelio Marras (2014). Para o autor, há neste deslocamento uma “oportunidade de rever como se processa todo tipo de trânsito e constituição das ontologias, dos seres e entes no mundo. Se é assim com os objetos técnicos [...], como não o seria quanto à relação entre animais e humanos?” (p.3).

Rever a constituição das ontologias relaciona-se a um gaguejar na própria língua, um hesitar nas pressuposições que separam humanos e animais enquanto entidades definidas de maneira substancialista, como costumam fazer os modernos, tema exaustivamente discutido por Bruno Latour em “Jamais Fomos Modernos” (1994), nas pressuposições que bifurcam psicologias substancialistas e psicologias processuais (ARENDDT, 2011).

Dessa forma, num tom hesitante, buscamos neste ensaio oferecer algumas pistas para a pesquisa psicossocial com animais e, para tal, recorreremos às potências da Arte Contemporânea, da imaginação e à partilha de afetos e propriedades em malhas de coafetação. Situamos a pesquisa processual como prática que “ganharia um sentido mais próximo à arte que ressaltaria seu movimento, sua inclinação diante da autonomia daquilo com que ele estaria compondo, no duplo sentido do que entra nas suas composições e no sentido de que ele deve ‘compor com’”. (ARENDDT, 2011, p. 185).

Trabalhos em Arte Contemporânea, numa inflexão mais forte que a Psicologia, vêm estabelecendo críticas à soberania da espécie humana sobre as demais espécies, buscando afirmar a agência não humana e, principalmente, existências que podem ser concebidas fora do campo da visão antropocêntrica

(BROGLIO, 2008; NOVERO, 2013), como é o caso das danças com aves da CIA Le Guetter e Luc Petton (França). Nessas danças nenhum dos animais é aprisionado, adestrado ou recebe alimentos para participar do processo de criação, inclusive, a prática coreográfica é redistribuída (DESPRET, 2015).

No espetáculo “La Confidence des Oiseaux”, de 2005, (Figura 1) dezenas de corvos, gralhas e estorninhos pousam nos dançarinos e nas dançarinas, na ponta de seus dedos, nas cabeças, nos braços; em “Swam”, de 2011, (Figura 2), cisnes brancos e negros com seus corpos volumosos, pescoços compridos e pernas curtas caminham desajeitadamente sobre o linóleo e nadam delicadamente sobre a água de lagos de acrílico junto aos artistas. Como traduzir esta potência responsiva dos animais à pesquisa para a Psicologia Social? Quais mundos nós constituímos quando fazemos esta tradução? Os riscos são grandes, pois não fazemos pesquisa etológica, mas a tradução de poéticas etológicas à Psicologia Social. Pensamos que essa tradução é um experimento no qual vale a pena insistir, já que, de uma parte, afirma a abertura da Psicologia Social à *poesis* infiltrada na hibridação moderna juiz-poeta (STENGERS, 2002), de outra, contribui para desfazer cisões entre Etologia e Psicologia Social ainda presentes no Brasil.



**Figura 1.** La Confidence des Oiseaux, 2005.



**Figura 2.** Swam, 2011.

Despret (2013) faz uma interessante discussão a partir do espetáculo de Petton “La Confidence des Oiseaux”. Para a autora, podemos aprender muitas coisas sobre aves com esse espetáculo. Podemos aprender, por exemplo, que aves podem ser domesticadas sem violência, que elas podem jogar o jogo da dança. Suas asas são acionadas quando elas decidem partir, e não é bom segui-las, comenta a autora. De acordo com ela, o espetáculo traduz o envolvimento subjetivo dos animais nas relações com humanos, já que as aves dançam com humanos mesmo podendo não fazê-lo. É um agir em conjunto onde os animais compartilham a criação artística com os humanos. São os pássaros que induzem os dançarinos a abrirem os braços para que pousem, ou são os dançarinos que convidam os pássaros ao pouso oferecendo seus membros? Não há como saber!

Isabelle Stengers (2002), em “A Invenção das Ciências Modernas”, sinaliza, em nota de rodapé, para um equívoco na leitura da “Novelle Aliance” que terminou por perdurar mais do que o suficiente. No livro em questão, quando os autores comentavam a respeito de uma “Escuta poética da natureza”, esta foi entendida por alguns leitores como um chamado a “respeitar a natureza como ela se apresenta”, de tal maneira que “de novo

confundiram a ideia da ‘capacidade’ para a física, de ‘respeitar a natureza que ela faz falar’ com a ideia de respeito à natureza tal como ela se apresenta (STENGERS, 2002, p. 174-175)”.

O olhar à potência responsiva abre para novas versões do que o outro pode fazer, aponta que os animais que interrogamos fazem existir acontecimentos não previstos por nós e que precisamos fazer o que chama de *boas perguntas*. Nesta provocação, animais deixam apenas de reagir e se tornam mais inventivos e interessantes. Em comentário ao trabalho de Eileen Crist, Despret (2010, p. 15, *tradução nossa*) discorre:

[...] a diferença entre a resposta e a reação não é simplesmente uma questão de linguagem: essa estrutura a forma como vemos os animais como seres reagindo passivamente - impulsionado por instintos, motivações, regras evolutivas ou genes - ou como seres ativos que inventam sua própria vida, criam, dão significados aos acontecimentos, antecipam, e eu acrescentaria, que coinventam a prática do conhecimento sobre si mesmo.

Em uma postura responsiva, experimentos em Psicologia podem ser revisitados e recriados. Vimos isto no experimento revisitado por Despret (2008a), que problematiza o gesto iconoclasta do psicólogo experimental Rosenthal na década de 1960. Rosenthal buscava comprovar os problemas da influência do pesquisador sobre seu objeto de pesquisa. Para tanto, solicitou a seus estudantes que repetissem o experimento do famoso psicólogo experimental Tryon com ratos trancados em labirintos. Rosenthal antecipa que muitos estudos mostram que o cruzamento entre ratos que se saem melhor no experimento, os ratos “brilhantes”, estão produzindo gerações de ratos brilhantes. Com os que se saem mal, o mesmo acontece: ratos “mediócras” se reproduzem.

Rosenthal orienta os estudantes que devem esperar obter os mesmo resultados de Tryon, afinal, os ratos envolvidos no experimento eram seus herdeiros, informou enganosamente o professor (todos os ratos eram ratos de laboratório). Finalizada a repetição, como previa Rosenthal, o experimento de Tryon pode ser revalidado porque, concluiu o psicólogo, os ratos fizeram apenas o que os estudantes, influenciados por ele, esperavam

desses animais: os ratos comuns tiveram desempenho brilhante ou medíocre a partir do momento que entraram no grupo validado previamente por Rosenthal como herdeiro dos brilhantes ou dos medíocres.

Uma pergunta persiste: como os resultados do experimento foram obtidos pelos estudantes? Ao visar demonstrar a influência do que destacava como subjetividade do pesquisador, o que Rosenthal efetua, argumenta Despret (2008a), não são apenas comprovações da interferência de uma pretensa subjetividade atribuída ao pesquisador, mas uma divisão entre realidade e subjetividade, e que os ratos em suas relações com os estudantes permanecem silenciosos numa zona que é indecidível. Esclarece-nos:

Ao fazer observações sobre seu experimento argumentou que os ratos brilhantes ou medíocres não eram brilhantes ou medíocres “na realidade”, mas eram produzidos com tais propriedades em uma “pseudo-realidade”, o campo irreal de subprodutos de crenças, expectativas e ilusões. Assim, Rosenthal dividiu a realidade e distinguiu entre o que foi real e o que foi feito da influência, dos interesses, dos afetos: de um lado, isto é a Realidade em si, a compilação de informações obtida por cientistas entusiastas (e “automatizados”); de outro, isto é subjetividade, interpretação, expectativas, ilusões (DESPRET, 2008a, p. 241, *tradução nossa*).

Rosenthal distingue realidade do mundo (os ratos que deveriam estar lá e os estudantes que estavam lá) e realidade do sujeito (subjetividade) e ainda coloca tudo na realidade do sujeito: nem os ratos (os ratos brilhantes e medíocres deveriam estar lá, mas não estão) nem os estudantes (eles estão lá, mas iludidos) estão na realidade do mundo. E como trazer o mundo? Segundo Despret (2008a), revendo a questão da autoridade da ciência e do paralelismo entre as expectativas do professor e dos estudantes, engajando-nos nas histórias que contamos. E, nesse deslocamento, mais do que dúvidas deparamo-nos com a perplexidade:

Contar a história dessa maneira nos faz romper com a tentação da ironia para nos inscrever na tradição das ciências do humor, e nos propõe acabar com a dúvida para reiniciar com a perplexidade. Para explicitar essas diferenças, poderíamos dizer que a dúvida está para a perplexidade como a ironia está para o humor (DESPRET, 2011c, p.169)

No caso dos ratos que tiveram desempenho considerado brilhante, Despret (2008a) coloca que a autoridade de Rosenthal, entendida aqui como o seu prestígio diante dos alunos, influenciou seus estudantes a serem bons experimentadores e mais, possibilitou que eles transformassem também os animais em “bons”. As expectativas em relação aos ratos, que se traduziram em carinho, alimento e incentivo, fizeram com que os estudantes autorizassem esses animais a se tornarem inteligentes. Ao definir expectativas em termos de “quem autoriza”, Despret (2008a) coloca que é possível trazer ainda mais seres para o mundo “real”. Não estariam os ratos autorizando os estudantes a se tornarem competentes?

Interessante observar que mesmo quando os estudantes descobrem o objetivo do experimento, continuam acreditando na capacidade de seus ratos, o que produz um paradoxo entre confiar em seus ratos ou em seu professor. “Como poderiam confiar em seus ratos e em seu professor de forma simultânea se a ciência se define como um processo de revelação de uma realidade já existente, ao invés da criação de uma realidade em processo? Como poderiam acreditar em ambos ao mesmo tempo?” (DESPRET, 2008a, p. 244, *tradução nossa*).

Despret (2008a) sugere abordar o paradoxo propondo que tudo o que aconteceu foi uma questão de confiança no sentido pragmático da palavra, ou seja, não em termos de “o que é”, mas em termos de “o que faz”. Rosenthal confiou nos estudantes (ele não conseguiria planejar o experimento se não confiasse que seus estudantes atenderiam a suas expectativas) que, por sua vez, confiaram no professor e o experimento foi bem sucedido.

E, ainda, o que é mais importante, a crença (entendida aqui num escopo sociomaterial) também transformou os ratos, que fizeram o que se esperava deles, o que Despret (2008a) chama antrozo-zoo-gênese. Nas suas palavras:

[...] uma prática que constrói o animal e os humanos. O rato propõe ao estudante, ao mesmo tempo em que esse propõe ao rato uma maneira nova de vir a ser juntos resultando em novas identidades; por um lado, os ratos



dão aos estudantes a oportunidade de serem “bons experimentadores” e, por outro, os estudantes proporcionam aos ratos a oportunidade de adicionar significados novos ao que implica “estar-com-um-humano”, em última análise, uma oportunidade de revelar novas maneiras de estar um com o outro (DESPRET, 2008a, p. 245 e 246, *tradução nossa*).

Nas relações responsivas com animais não temos mais “o que é” um animal, mas sim práticas de coconstituição ontológica, entremeadas a docilizações, que se produzem nas relações entre seres responsivos (DESPRET, 2010), atentando que esta responsividade não conduz a uma simetria idealizada, nem no laboratório científico, nem na dança, como esclarece Despret em entrevista (BUCHANAN, MATTHEW e BUSSOLINI, 2015); conduz a transformações que podem ser visualizadas e que requerem pensar o modo como contamos nossas histórias (DESPRET e STENGERS, 2015). Esclarece-nos ainda Despret (2011, p. 267):

Esse caráter absolutamente indecível das relações complexas entre os cientistas e seus objetos-sujeitos nos leva a considerar como inevitável o fracasso das tentativas epistemológicas que ambicionam separar aquilo que, das histórias do etologista e da realidade verdadeira do pássaro – do rato, do macaco –, imprime ao outro seu sentido

Donna Haraway, em entrevista a Sandra Azerêdo (Haraway e Azerêdo, 2011), com base no ensaio de *The Becomings of Subjectivity in Animal Worlds*, de Vinciane Despret, destaca que a autora propõe em suas pesquisas etológicas na psicologia que a subjetividade é algo inventado nas relações nas quais humanos e não humanos tornam-se capazes juntos, e não uma capacidade a ser procurada na natureza de um ser. Assim, por exemplo, nos experimentos da psicóloga Irene Pepperberg com seu papagaio Alex, Vinciane Despret pontua que quando humanos e animais conseguem se comunicar em línguas diferentes, ambos tornaram-se entre si capazes de se reconhecer. Mesmo que esta potencia de comunicação não estivesse dada anteriormente, essa é possível graças a processos coconstitutivos de eventos reais no mundo. São histórias de humanos e animais se relacionando e modificando todos os seus mundos “naturaisculturais”.

Despret (2013) comenta que pesquisas recentes com chimpanzés mostram que estes animais resolvem problemas apresentados pelos pesquisadores sem recompensas alimentares, desde que esses pesquisadores ofereçam eventos suficientemente interessantes para os chimpanzés. Essas pesquisas sugerem que o condicionamento é um modelo insuficiente para explicar o comportamento animal e que recompensas alimentares são modos de se relacionar com animais que os reduzem a necessidades, dificultando a visualização de animais que podem estar interessados em outras coisas, como relações sociais ou prazer.

Voltemos às danças. Luc Petton, em entrevista concedida a nós (2014), comenta que quando introduziu as aves no território da dança, não estava interessado em adestrar suas aves. Para adestrar é preciso preocupações prévias e o artista, quando iniciou o trabalho, não tinha nenhuma. O que se concretizava era o encontro com um mundo completamente diferente do seu habitual mundo repleto de dançarinos humanos e o único desejo de Petton era desenhar coreografias sobre as reuniões improvisadas entre esses mundos. Durante os processos de criação de Petton, sons, sala de dança, linóleo, corpos, artistas foram lentamente apresentados aos animais e esses foram questionados sobre seus interesses em habitar tais territórios; a propor onde, com quem, se e como iriam dançar. Segundo Luc Petton, esses processos foram baseados no jogo de ouvir uns aos outros e muitas vezes foram os animais quem sugeriram situações novas para as coreografias.

Os ovos do espetáculo “Swam” foram chocados em incubadoras com supervisão de biólogos. Nos últimos dias que antecederam o nascimento das aves os artistas conversaram com e colocaram músicas para os ovos. Após o nascimento, as aves mantiveram contato com os seus parceiros dançarinos humanos, foram alimentadas e acarinhadas por eles, continuaram a ouvir músicas e começaram a rolar no chão com os artistas. As aves não foram forçadas a absolutamente nada e ficavam soltas nos ensaios e no palco: tudo foi efeito de um *dançar com*, noção que desenvolvemos em trabalho anterior para abarcar a agência composta da soja (GALINDO, MILIOLI e MÉLLO, 2013).

Nesses termos, podemos pensar que o encontro com as aves cultivou hesitações, um saber que não está dado de antemão. Para a psicóloga brasileira Márcia Moraes, leitora de Vinciane Despret:

147

No encontro com o que não nos é familiar, é preciso cultivar a hesitação, parar um pouco diante desse outro mundo. Buscar não interrogá-lo segundo nossos próprios termos e sim segundo os imperativos que estão presentes ali. Nas palavras de Despret (2009), “qual é a pergunta que devo lhe fazer para aprender algo interessante sobre você?” (MORAES, 2010, p. 17).

Mesmo nas práticas de domesticação animais atuam como objetores recalcitrantes, também coconstituem os humanos com quem se relacionam (LAW e LIEN, 2012). No Brasil, em muitas histórias que contamos sobre práticas de domesticação, um dos pontos que nos leva a obscurecer estas relações mútuas é a atuação de uma matriz colonial que reserva àqueles e àquelas que cuidam dos animais um estatuto ainda menor do que o que delegamos aos animais. Pensemos em animais altamente treinados como os cavalos de corrida. Ao final de uma corrida, os nomes do cavalo, do proprietário, do jóquei, são anunciados menos os dos tratadores que guardam, inclusive, na pele, os odores indesejáveis de quem lida diretamente com fezes.

Donna Haraway, em seu livro *When Species Meet* (2008), narra diversas histórias sobre o contato com a cadela com quem convive e com quem pratica treinamentos de agilidade. Insatisfeita com a ideia de “animal de companhia” desenvolveu a figuração “espécies companheiras” para falar dos transrelacionamentos entre espécies que refazem parentescos; dos relacionamentos coconstitutivos onde nenhum parceiro preexiste à relação; dos relacionamentos que contam sobre os contatos provisórios entre espécies, contatos que podem ser sempre refeitos como em um jogo de desfazer e refazer onde vemos e sentimos o outro, onde olhamos o outro nos olhos, onde nos afetamos pelo corpo do outro em movimento, onde nos tornamos humanos “com”. Vejamos um trecho:

A língua rápida e ágil da pastora australiana vermelha limpou os tecidos das minhas amídalas, com todos os seus receptores ávidos do sistema imunológico. Quem sabe para onde meus receptores químicos transportaram suas mensagens ou o que ela tirou de meu sistema celular para distinguir isso daquilo e conectar o que está fora com o interior? (...) Nós tivemos conversas proibidas; tivemos relação sexual oral; somos obrigadas a contar a história na história com nada além dos fatos. Nós estamos treinando uma à outra em atos de comunicação que mal entendemos. Somos, constitutivamente, espécies companheiras. Nós fazemos uma à outra, na carne. Significativamente uma a outra, em diferença específica, nós significamos uma infecção desagradável de desenvolvimento chamado de amor. Esse amor é uma aberração histórica e um legado naturalcultural (HARAWAY, 2008, p. 16, *tradução nossa*).

Para Donna Haraway (2003), os agenciamentos humanoanimais cabem na figuração espécies companheiras, e a arte é uma prática irmã dessa figuração. Haraway (2003) discute essa questão a partir do trabalho do escultor escocês Andrew Goldsworthy e sua história de coabitação de cães e pessoas na Escócia:

Em 1990, Goldsworthy fez um trabalho chamado *Arch*. Ele e o escritor David Craig traçaram uma rota de ovelhas de antigos tropeiros partindo de pastagens escocesas até um mercado de uma cidade inglesa. Ao fotografar enquanto passavam, eles montaram e desmontaram um arco autossustentável de arenito vermelho sobre os lugares marcando o passado e o presente histórico de animais, pessoas e terra. As árvores e o caseiro desaparecidos, a história de recintos e crescentes mercados de lã, os laços tensos entre a Inglaterra e a Escócia ao longo de séculos, as condições de possibilidade do trabalho de cães pastores escoceses e pastores contratados, o comer e o andar das ovelhas até a tosa e o abate – tudo isso é memorizado no arco de pedra em movimento interligando geografia, história e história natural (HARAWAY, 2003, p. 23, *tradução nossa*).

As espécies companheiras de Donna Haraway e as danças de Luc Petton estão para além de animais e humanos atuando juntos, e o que vemos são possibilidades de animais e humanos serem transformados nas práticas a partir de novos modos de conceber e atuar as relações entre natureza e cultura. Ou seja, o que temos é a efetivação de relações interespecies e a problematização ativa das divisões e binarismos modernos. O

que acontece é que a categoria subjetividade se alarga para abarcar fluxos intra-ativos subjetivantes (MOL, 2008; BARAD, 2005). O que argumentamos tem a ver com relacionalidades, com uma perspectiva não antropomórfica atenta às diferenças, inclusive, as inconciliáveis e com a assunção do que Despret (2015) nomeia de animismo metodológico. E, neste sentido, tem a ver com o questionamento da “arrogância do excepcionalismo humano que reserva as realizações e subserviências da subjetividade à Humanidade e seu simbólico” (HARAWAY e AZEREDO, 2011, p. 406), bem como a ideia de que a “a interioridade é uma fábula”, uma fábula que talvez não nos interesse mais narrar.

Constituímo-nos como multiespécies, diz Haraway (2008). Estamos implicados uns nos outros, emaranhados. Humanos, animais, ambientes não preexistem a sua constitutiva intra-ação em cada dobra de tempo e espaço, efeitos de ações multidirecionais que têm um incrível poder de nos contar que a natureza humana é também a não humana. Esclarece-nos a autora:

“Humano” é uma palavra muito interessante e sou atraída por suas ligações latinas com a terra, com o solo, com o húmus – com a matéria quente em que muitas coisas são gestadas e convivem, o monte de adubo que se torna húmus para fazer florescer outras plantas, animais, micróbios e pessoas. Não sou atraída pelos tons gregos do “homo”, que sugere algo como “o um e o mesmo”, o “autodêntico” – resumindo, algo como “O próprio Homem” e o Homem que se faz a si mesmo. Provavelmente tenho prazer demais em brincar com etimologias, mas adorei descobrir que os tons latinos de “homo/human” têm ressonância com uma velha palavra proto-indo-europeia, “guma” (plural, guman), que significa alguém que trabalha a terra para a comida; um lavrador, neste sentido. A palavra sugere noivo ou marido (lavrando a terra fêmea), mas as palavras são maleáveis: elas são adubo para associações inesperadas. Guman pode significar terráqueo, terreno, no solo, na lama, pleno de matéria viva e apaixonada, que se materializa nas relações com outros terráqueos, húmus para um mundo mortal mais vivível. Então, se eu pudesse, eu escreveria não “humano”, mas sim “gumano”! Ser “g/humano” deve ser uma prática material de multiespécies, assim como a natureza humana é uma relação de multiespécies, um “tornando-se-com”, não uma coisa em si mesma. Não é marido (*husband*), mas húmus (HARAWAY e AZEREDO, 2011, p. 398 e 399).

As relações com a natureza têm um caráter extremamente experimental que constituem, em práticas de purificação e tradução, aquilo que chamamos natural (LATOURE, 2001). Quando falamos em natureza, não estamos continuando nada: estamos na desordem, na heterogeneidade, naquilo que está em elaboração ou sequer entrou em composição (plasma, nos termos usados por Bruno Latour). Algumas apresentações da CIA de dança coreografada por Petton, por exemplo, foram realizadas em espaços abertos e as aves não fugiam. Nas primeiras apresentações em teatros fechados as aves saíam muito do palco e voavam para a plateia, era impossível impedir esse deslocamento. Com o tempo, a iluminação do palco (a plateia fica totalmente no escuro) e a relação com parceiros que não se incomodavam com animais voando e pousando sobre seus corpos sustentaram a presença das aves no palco. Ideais de liberdade plena e natureza pura estão em cheque e o que pode ser lido como domesticação se transforma em narrativas de trocas afetivas com os animais, em convívio íntimo que nada tem haver com a oposição selvagem-doméstico. Donna Haraway foi duramente criticada ao propor que em laboratórios de experimentação animal é possível divisar práticas de partilha do sofrimento. A ecologia que se desprende dos trabalhos de Donna Haraway não é compassiva, ao contrário, dá-se na barriga dos monstros nos quais habitamos (MILIOLI & GALINDO, 2015).

Latour (2001) nos conta sobre uma visita ao impressionante Parque Ecológico de Ambrosélia, abaixo do Kilimanjaro, no Quênia – África. Segundo ele, nesse Parque, cada leão é cercado por filas de micro-ônibus e é observado por grupos de turistas sem demonstrar nenhuma preocupação. Os masais, moradores locais, que atualmente trabalham no Parque, e seus rebanhos de vacas, é que não habitam mais essas paisagens como há anos atrás. A noção de *wilderness* - a vida selvagem - que sustenta tais empreendimentos, não se estende aos maçais. Latour (2001) aponta os problemas da falta de interesse dos maçais pelo Parque, e as inúmeras investidas dos dirigentes desse Parque para fazer com que eles se interessassem pela vida ali dentro, a fim de que a vida selvagem ali permaneça. Já os zoológicos,

questionados por suas funções de dominação e entretenimento (BRAVO, 2011) têm sido instados a repensar práticas, ampliar e rever os ambientes criados para albergar os animais, bem como as relações humano-animal que ali se desenvolvem e cujas fronteiras, apesar da verve antropocêntrica, não estão dadas de antemão: animais escapam, crianças pulam muretas para chegar mais perto de animais. Zoológicos, especialmente no Brasil, têm sido vistos com bem mais ressalvas que os parques ecológicos de preservação, ainda que estejam em início projetos de santuários animais que provocarão controvérsias como é o caso do Santuário dos Elefantes na Chapada dos Guimarães – MT que visa à construção de uma vida selvagem. Afinal, o que entra em composição quando falamos em “vida selvagem e no “refazer a vida selvagem” (*rewilderness*)?

Interessante observar que, seja nos zoológicos ou nos parques, para que a “vida selvagem” se efetue é preciso construir, combinar, associar, desconstruir, cercar, coordenar, porém, sem um controle extremo. Quando são construídas fronteiras rígidas entre natureza e cultura, a vida selvagem em sua artefactualidade instável começa a desaparecer ou reaparece onde menos se espera como nas zonas contaminadas por minério radioativo. É muito complicado compor vidas selvagens como esperadas por alguns de nós, humanos: a vida selvagem S.A.

A companhia Le Guetter e Luc Petton trabalham com animais que vieram de zoológicos e fazendas, e precisam assumir responsabilidades sobre todas as etapas da relação com as aves, até mesmo quando elas deixam de participar dos espetáculos. Os animais são transportados em caixas adaptadas às suas dimensões e comportamentos por caminhões oficialmente preparados para a condução de animais vivos. Na CIA, desde a sua criação, em 1994, os artistas desenvolvem atividades públicas de formação e educação, especialmente para crianças e pessoas com deficiência. Suas atividades estão concentradas em torno de percursos educativos para expandir a capacidade física, sensorial e imaginativa. Os artistas estão envolvidos em muitas ações em diferentes ambientes: escolas, hospitais, lares de idosos. Os procedimentos de criação da dança com aves vêm sendo trabalhados com crianças e permitem

ir além do interesse na dança, envolvendo questões como educação ambiental e o contato com o mundo desses animais. Dançar com aves busca promover o desenvolvimento da criança através da mobilização da afetação pelo mundo.

É um desafio assumir novas relações com animais, convidar o outro para compartilhar territórios, entrar em contato com uma posição nada inocente onde uma das premissas em jogo é a responsividade. Mudança e transformação são necessárias, mas é preciso atenção e prudência. O projeto atual da CIA, “Light Bird”, com a participação da ave oriental *Grus japonensis*, em risco de extinção em função da destruição de seu biótopo natural, objetiva dar visibilidade para esse animal majestoso e participar da continuidade de sua existência. A CIA informa que a taxa de reprodução dessa ave no *habitat* natural é muito baixa e ela vem sobrevivendo há várias gerações em zoológicos. As aves descendentes desse novo projeto participarão de programas de repovoamento e de reintrodução na natureza - entendida aqui como porção do mundo externa às relações nas quais domina o excepcionalismo humano, nada tendo de parentesco com as divisões modernas entre natureza e cultura conforme alertado por Bruno Latour (1994).

Sabemos que empreendimentos de deslocamentos ou reintrodução das espécies nem sempre são bem sucedidos e que muitos desses problemas ocorrerem por subestimarmos o jogo de interdependência entre os diversos modos de existência. De outro lado, a manutenção de animais em cativeiros e zoológicos sob a justificativa de que esses locais são essenciais para a sobrevivência das espécies é uma prática enredada na biopolítica de reprodução obrigatória. É sempre bom lembrar que a ecologia animal está fortemente vinculada aos fluxos econômicos (STRIVAY e MOUGENOT, 2012; HARAWAY, 2008) que participam das práticas de racialização, subalternização, liberdade e confinamento.

Precisamos de histórias para discorrer sobre animais, precisamos de histórias para observá-los, acompanhando-os. Este movimento leva a um modo de contar histórias assimiladas ao feminino para a construção de ciências feministas (DESPRET e



STENGERS, 2012) mobilizadas por conexões parciais e por uma objetividade forte no sentido trabalhado por Sandra Harding (HARAWAY, 1995). As aves de Petton como parceiras que trouxemos para nossa escrita, traduzidas nas leituras de Despret e na entrevista que realizamos, ajudam a falar de uma abertura ética a modos de vida complicados em práticas de pesquisa que não reduzem animais a um mero recurso ou partícipes de uma paisagem a ser contemplada, porque o mundo é “uma figura para o sempre problemática, sempre potente, vínculo entre significado e corpos” (HARAWAY, 1995, p. 41), uma figura com a qual “devemos aprender a conversar” e porque não até, dançar.

Na tese doutoral de Danielle Milioli - ainda em curso - propomos, a partir das pistas que discutimos ao longo deste ensaio, desenvolver práticas de dança-pesquisa em Psicologia Social com animais. Para isto, traduzimos da dança à Psicologia Social, dispositivos próprios do contato de improvisação de Steve Paxton - só que ao invés de parceiros humanos em dança, esta se estende a animais e humanos. Trabalhamos, até o momento, com cavalos. São do duo com o cavalo Eragon, três excertos dos diários que traremos à guisa de considerações finais. Antes de passarmos aos excertos sobre o duo com Eragon, vejamos algumas complicações que a pesquisa com a dança de improvisação nos traz quando lidamos com as armadilhas de limitar o indecível da agência. Para tal, acompanhem os questionamentos de um pesquisador do contato de improvisação que frequentava os ateliês de escritura de Bruno Latour.

O sociólogo francês Jérémy Damian (2014), aluno de Bruno Latour, em pesquisa com dançarinos de contato de improvisação, se depara com uma série de dificuldades para explicar uma prática que não quer estabelecer nenhuma definição ou formulação clara, que não é validada e qualificada para nenhum discurso oficial. O contato de improvisação (ou improvisação de contato) é uma técnica de dança criada por Steve Paxton e herdeira do pensamento produzido na década de 1970, que questionava as hierarquias e hegemonias estabelecidas por padrões e sistematizações de técnicas e gêneros artísticos.

Na improvisação de contato os corpos atuam como suporte mútuo, alternando o equilíbrio e produzindo criação coletiva. Nessa técnica, exercita-se principalmente o tocar um ao outro, a pressão do peso dos corpos, apoios e outros recursos.

Damiam (2014) se questiona: Como explicar as experiências dos dançarinos de contato de improvisação através de um texto sociológico quando os que as praticam não querem defini-las, evitando tudo o que poderia fixá-las? Como conseguir uma boa conversa? Como escrever um texto que seja interessante, tanto para os dançarinos quanto para quem pesquisa, um texto que encontre uma maneira de conectá-los?

Encontrar maneiras de não resolver a inquietude própria dos improvisadores, de não resolver a incerteza sobre o que une dançarinos e pesquisadores é o que a dança faz viver. Não é uma questão de responder no lugar dos dançarinos, mas de pensar que não há respostas únicas, e sim respostas parciais, verdades provisórias, frágeis e temporárias (DAMIAN, 2014; HARAWAY, 2004). Voltando aos trabalhos de dança com animais, discutidos ao longo desse ensaio, nas reuniões improvisadas das danças de Petton não foram os animais que se adaptaram aos formatos dos destinos que lhes foram previstos, mas os destinos é que se modificaram a partir do contato com os animais. Animais dançarinos sem o estabelecimento de subordinações e inferiorizações, mas também sem o estabelecimento de simetrias. Nessas danças, aves singularmente cocriaram e cocoreografaram. Aves, não esqueçamos, são muito hábeis e coreografam voos nos mais diversos planos: quem nunca parou para ver uma revoada de aves?

Sugerimos que o contato de improvisação entre humanos e animais requer o que Despret (2008a) chama de disponibilidade, que não é uma questão moral, bem como se distingue das práticas de docilização que diminuem a potência de recalitrar e diferir.

[...] ao contrário da docilidade na qual algumas práticas se baseiam, não pode ser reduzida a interesses sentimentais ou a questões morais.

É, antes de tudo, um problema de levantar questões mais interessantes que permitam respostas mais articuladas e, por tanto, identidades mais articuladas. (...) Com a noção da “disponibilidade”, os sinais que correspondem ao mundo e os que correspondem ao sujeito são redistribuídos de uma nova maneira. Ambos, sujeito e mundo, são ativos e se transformam em função da disponibilidade do outro. Ambos se articulam mediante ao que o outro “o faz fazer”. Em minha opinião, esta é a característica mais interessante das práticas que podem ser definidas como práticas de domesticação, aquelas que se permitem impregnar por humanos: essas práticas criam e transformam pelo milagre da sintonia [attunement] (DESPRET, 2008a, p. 249 e 250, *tradução nossa*).

O trabalho de dança-pesquisa com cavalos que desenvolvemos se dá nas próprias baias e ranchos onde vivem, e envolve desde passeios à partilha de atividades de cuidado direto como escovação e lavagem, no Projeto Cavalárices, coordenado por Juliana Dorneles (Figura 3). Em terras politicamente quentes e caracterizadas por intensas desigualdades sociais, como o Brasil, a pesquisa com cavalos requer que consideremos as práticas de subalternização de vários dos entes envolvidos no dia-a-dia dos ranchos, dentre eles, os cuidadores aos quais é atribuído não apenas o ofício de limpar fezes, caracterizado como pouco nobre por estar ligado às práticas escravagistas na história do Brasil, como também deles guardam distância alguns outros humanos já que seus corpos exalariam também odores indesejáveis de cavalos.

No rancho, do qual trazemos os excertos da pesquisa, a relação de assimetria entre a proprietária dos cavalos e cuidadores é bastante atenuada já que a treinadora dos cavalos lida diretamente com os animais em atividades de limpeza, alimentação e escovação. Um cenário diverso, caracteristicamente atravessado por desigualdades e subalternização, encontramos num Centro de Tradições Gaúchas, que também frequentamos, mas que não abordaremos neste ensaio.

Os cavalos do Projeto Cavalárices desenvolviam o Treinamento de Retidão, um tipo de adestramento para práticas equestres adaptados ao cavalo, diferente de adestramentos nos quais o cavalo é quem deve se adaptar ao adestramento.

Neste treinamento, através de exercícios de ginástica, o cavalo aprende a alongar-se e a contrair e relaxar os músculos. Tudo para conquistar um bom desempenho do animal em práticas equestres. Isso porque, segundo Marijike de Jonge, treinadora e formadora de instrutores com alguns livros publicados, conta, em entrevista a Raina Paucar (2012, s/p), se pressupõe que:

todos os cavalos são assimétricos, sendo destros ou canhotos tanto nas patas dianteiras (mãos) como nas patas traseiras (pés). Além disso, o cavalo é encurvado para a direita ou para a esquerda e, normalmente, distribui seu peso de forma desigual, colocando mais peso nas patas dianteiras (para pastar) do que nas patas traseiras. Essa desigualdade de pesos sobre as patas que causam desequilíbrios que se não foram devidamente tratadas (adestradas) por seu cavaleiro, levará o conjunto a ter uma série enorme de problemas (MARIJIKE, 2012, s/p).

O objetivo do treinamento é desenvolver a simetria do animal: que ele divida seu peso por igual nas quatro patas, desenvolvendo assim um equilíbrio e coordenação motora para que o cavalgar seja mais eficiente. O treinamento é feito com aparatos específicos, produzidos para minimizar dores no animal (Figura 3).



**Figura 3.** Treinamento de Retidão com o cavalo Laranja

No experimento de improvisação de contato com o cavalo Eragon (Figura 4), partimos de alguns exercícios básicos de Treinamento de Retidão, orientados pela coordenadora do projeto. Os exercícios consistiam em trabalhar no chão com o cabeção (cabresto com duas rédeas e um arco de ferro ajustado ao focinho do cavalo para conduzi-lo sem o ferir), os movimentos de flexionar, encurvar, parar, colocar a cabeça e posteriores corretamente. Segundo Birke (2007), a importância do trabalho de solo com os animais antes de montá-los vem sendo adotada, também, por técnicas atuais de domesticação de cavalos que enfatizam a importância do trabalho de solo com os animais, antes de montá-los.

Eragon, acostumado aos exercícios, respondia rapidamente, e com o tempo, fomos estabelecendo outros contatos, passamos a nos deslocar e a observar que sem comandos o cavalo apresentava dificuldade em andar ao nosso lado em linha reta. Ele passava a se aproximar, a encostar-se a nosso corpo, o que possibilitou sentir parcialmente o seu peso e força. Era difícil continuar ao seu lado sem estabelecer alguma resposta ao seu movimento e a partir de então passamos aos experimentos de improvisação de contato. Um experimento que se deu sem espaços públicos previstos para apresentação de um espetáculo, diferentemente do que se passa na dança e cujos participantes da pesquisa psicossocial é um animal.



**Figura 4.** Eragon

Pensamos que no instante da dança, onde o contato com o cavalo nos fez entrar no inesperado, no fora das regras de funcionamento e cálculo, instaurou-se uma política de relacionamentos não regida, se bem que atravessada, pela lógica da reprodução do mesmo (HARAWAY, 2008). Uma dança que é, ou pode ser, sobre as diferenças não domadas pela taxonomia, pelos identitarismos, pelos individualismos. Trabalhar com cavalos a partir do solo, ensinando-os a responder, vem produzindo alterações na forma como os cavalos são montados, principalmente no que diz respeito ao encorajamento dos humanos para se comunicar melhor com o seu cavalo (aprendendo a língua dos cavalos) e a segurança de que, lendo o corpo equino, todos serão menos propensos a se machucar.

Cavalos são animais bastante conhecidos por sua corporalidade responsiva. Relações cavalo-humano colocam-nos num regime de atenção aos movimentos corporais, ao peso e à posição do corpo no cavalo, bem como às pressões de rédeas e pernas que são ferramentas básicas para sinalizar o desejo de quem monta. Para Brandt (2006), a relação entre humanos e cavalos implica um intenso contato corporal e a comunicação entre ambos oferece uma lente única para o estudo de interações encarnadas nas quais o corpo é a base para a comunicação. Ressalta a autora que quando falamos de comunicação entre humanos e cavalos, a interação simbólica seria limitada já que depende de associações abstratas entre significados e significantes e o seu funcionamento é, por vezes, impraticável com outras espécies animais.

Na dança/pesquisa com cavalos não fizemos propriamente perguntas ao animal, mas um convite a dançar. Vejamos os excertos que narram o experimento com o cavalo Eragon onde entram em cena hesitações e perplexidade:

Fomos caminhar pelo lugar. Eragon se mostrava sempre muito atento e interessado aos contatos, a instrutora também confirmou. Era preciso muita atenção, pois a cada movimento com o cabeção Eragon respondia. E ainda havia o fato de ele estar sempre olhando... “Fiquei pensando nas várias vezes que me frustrei na dança por não encontrar parceiros interessados em tal conexão. Diante daquele animal tão atento,

fiquei completamente impactada” (Diário de campo, 2014, pesquisa de Doutorado – Daniele Milioli).

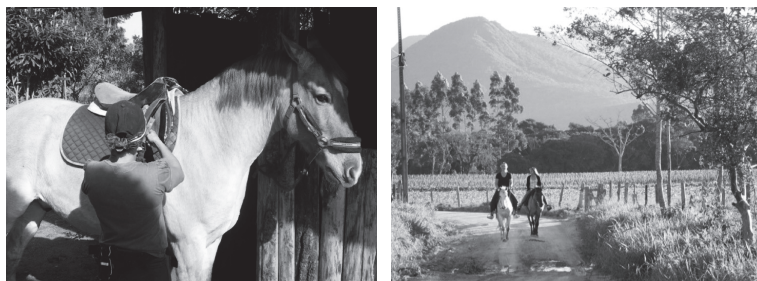
159

Com as rédeas mais soltas, e com a atenção voltada para o olhar começamos uma simples composição, caminhando lado a lado. Cabeças se tocaram, dando continuidade ao encontro dos olhares. Seguimos assim, num exercitar um suave empurrar um do outro, sem, no entanto, desfazer o contato. Aos poucos, os ombros se aproximaram e com as mãos e braços, tocávamos o tronco do animal, sinalizando o interesse de continuar aquele trajeto. Algumas alterações na velocidade da caminhada foram realizadas, mas sempre mantendo o contato dos corpos. Dançávamos! (Diário de campo, 2014, pesquisa de Doutorado – Daniele Milioli).

Depois da dança, fomos até a beira do rio e ficamos por um longo tempo parados, ainda um ao lado do outro. Na volta para as baías, tivemos o passeio mais promissor até o momento e conseguimos nos comunicar sem muito esforço e, em alguns, momentos, Eragon respondia ao mais suave movimento. Uma maior confiança se traduziu numa postura corporal mais correta do ponto de vista da instrutora [mais correta para mim e para ele já que o rancho desenvolve práticas de ajuste de postura com animais]. Pela primeira vez o trote foi desejado. Até então, trotar era bastante desconfortável e cansativo e evitávamos fazê-lo. Isso muitas vezes acontecia porque visualizávamos o interesse do cavalo em acompanhar os outros do bando e cedíamos a seu comando, um dos passeios foi realizado em grupo de 5 pessoas” (Diário de campo, 2014, pesquisa de Doutorado – Daniele Milioli).

Ao trazermos a técnica de dança para a pesquisa em Psicologia Social com animais, não raras vezes, questionamos: *fazer perguntas* - ainda que sem o imperativo de quem pesquise, ainda que fora dos nossos termos - constitui um ponto de passagem interessante no nosso processo de pesquisa? Fazemos perguntas, sejam elas boas ou más, quando dançamos-pesquisamos com Eragon? Maneiras de pesquisar com animais, em Psicologia Social, que não passem por perguntas a eles dirigidas, interessam? Na dança com cavalos, composições de uma “poética etológica” entram em jogo. Contar histórias dessa poética nos engaja num pensar pelo meio; “no caminho da perplexidade, no espaço de um equilíbrio, de um indecível e nos convidada a contar o acontecimento de uma ocasião” (DESPRET, 2011c, p. 169).





**Figura 5 e 6.** Colocação dos equipamentos para montaria e montaria

Durante o percurso de pesquisa, temos nos dedicado, também, ao estudo de algumas contribuições da Etologia brasileira que, após o acontecimento, na década de 1970, conhecido como crise da Psicologia Social, terminou apartada das vertentes psicossociais que são posicionadas como engajadas, formando o que chamamos de uma ilha deserta nos laboratórios de Psicologia Experimental, nos quais muitas narrativas interessantes a respeito de animais que recalcitram estão por serem resgatadas, traduzidas, enredadas. Trazemos a figuração da ilha deserta de ensaio homônimo de Gilles Deleuze (2004). A ilha deserta e desertada em nada coincide com uma ilha inabitada. Numa ilha deserta entra-se em contato com vivas fontes, abandonando-se assim a subjetividade fixa da forma-humano. A ilha deserta é antes, o desconhecido, o lugar povoado por singularidades inclassificáveis segundo os modelos civilizatórios de cunho modernizador, irreduzíveis a qualquer busca ingênua por uma natureza selvagem.

## REFERÊNCIAS

ARENDETT, R. J. J. A pesquisa em psicologia social: substantiva e processual. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 6, n. 2, São João Del-Rei, agos/dez, p. 182-186, 2011.

BARAD, K. Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter (pp. 120-154).



In: ALAIMO, S. e HEKMAN, S. (Orgs.). *Material Feminisms*. Bloomington: Indiana University Press, 2005.

161

BIRKE, L. (2007) Learning to Speak Horse: The Culture of “Natural Horsemanship”. *Society and Animals*, v. 15, p. 217-239.

BRANDT, K. (2006) Intelligent Bodies: Embodied Subjectivity Human–Horse Communication (pp. 141–53). In: Waskul, D. e Vannini, P. (Orgs) *Body/Embodiment: Symbolic Interaction and the Sociology of the Body*. Farnham: Ashgate.

BRAVO, A. F. Desenjaular o Animal Humano (pp. 221-243). In. MACIEL, M. E. (Org.) *Pensar/escrever o animal – ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

BROGLIO, R. ‘Living Flesh’: Animal–Human Surfaces. *Journal of Visual Culture*, v. 7, n. 1, p. 103-121, 2008.

BUCHANAN, B.; MATTHEW CHRULEW, M. e BUSSOLINI, J. On Asking the right questions: an interview with Vinciane Despret. *Angelaki: Journal of the Theoretical Humanities*, v. 20, n.2, p.165-178, 2015.

DAMIAN, J. La plume sans le masque. L’écriture affectée de Bruno Latour. *Sociologie(s) en première personne* (pp. 215-248). In: TOLLIS, C.; CRÉTON-CAZANAVE, L. E AUBLET, B. *L’effet Latour: Ses modes d’existence dans les travaux doctoraux*. Edições Glyphé, 2014.

DELEUZE, G. *A Ilha Deserta e Outros Textos*. Textos e entrevistas (1953-1974). Edição preparada por David Lapoujade. Tradução brasileira. Editora Iluminuras, 2004.

DESPRET, V. El Cuerpo de Nuestros Desvelos. Figuras de la antro-zoo-génesis (pp. 229-261). In: SÁNCHEZ-CRIADO, T. (Org.) *Tecnogénesis: la construcción técnica de las ecologías humanas*. Madrid: Antropólogos Americanos, 2008a.

DESPRET, V. The Becomings of Subjectivity in Animal Worlds. *Subjectivity*, n. 23, p. 123-139, 2008b.

DESPRET, V. *Ethology between Empathy, Standpoint and Perspectivism: the case of the Arabian babblers*, 2010. Disponível em: <<http://www.vincianedespret.be/2010/04/ethology-between-empathy-standpoint-and-perspectivism-the-case-of-the-arabian-babblers/>> Acesso em: 12/07/2013.

DESPRET, V. Os Dispositivos Experimentais. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 23, n. 1, p. 43-58, jan./abr., 2011a.

DESPRET, V. O que as Ciências da Etologia e da Primatologia nos Ensinam sobre as Práticas Científicas? *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 23, n. 1, jan./abr., p. 59-72, 2011b.

DESPREP, V. Controvérsias: pesquisa com não-humanos. Parte I: do espaço de equilíbrio ao “pensar pelo meio”. Os *cratéropes écailles*. Conferência de Abertura Colóquio Entre\_Redes: Pesquisar *com* o outro. Rio de Janeiro, abril de 2011. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* v. 6, n.2, São João Del-Rei, ag./dez., p. 170-173, 2011c.

DESPRET, V. e STENGERS, I. *Les faiseuses d'histoires: Que font les femmes à la pensée ?* Paris: Editora La Découverte: Les Empêcheurs de penser en rond parution, 2012.

DESPRET, V. Il s'agit vraiment d'agir ensemble. *Le Monde*, 19 de outubro, p. 1-3, 2013.

GALINDO, D.; MILIOLI, D. e MÉLLO, R. P. Dançando com Grãos de Soja, Espécies Companheiras na deriva Pós-Construcionista. *Psicologia e Sociedade*, v. 1, n. 25, p. 48-57, 2013.

HARAWAY, D. Saberes Localizados: a Questão da Ciência para o Feminismo e o Privilégio da Perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 07- 41, 1995.

HARAWAY, D. *The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

HARAWAY, D. *Testigo\_Modesto@Segundo\_Milenio. HombreHembra@\_Conoce\_Oncoratón®: feminismo y tecnociencia*. Barcelona: EdUOC, 2004.

HARAWAY, D. *When Species Meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

HARAWAY, D e AZERÊDO, S. Companhias Multiespécies nas Naturezaculturas: uma conversa entre Donna Haraway e Sandra Azerêdo (pp. 389-417). In: MACIEL, M. E. (Org.) *Pensar/escrever o animal – ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

HARAWAY, D. Entrevista com Donna Haraway por Juliana Fausto, Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski exibida no Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno a Idade da Terra, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1x0oxUH0IA8>>. Acesso em: 25/09/ 2014.

LATOUR, B. *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, B. A Ecologia Política sem a Natureza. *Projeto História*, n. 23, nov., São Paulo, p. 31-44, 2001.

LAW, J. Notes on Fish, Pond sand Theory. *Journal: Norsk antropologisk tidsskrift*, n. 23, jul, p. 1-14, 2012.

LAW, J. e LIEN, M. E. Animal Architectures (pp. 329-327). In: HARVEY, P. [et all] (Orgs.) *Objects and Materials: a Routledge Companion*. Abingdon and New York: Routledge, 2013.

MARRAS, S. Virada animal, virada humana: outro pacto. *Scientiae Studia*, v.12, n.2, abr/jun., São Paulo, p. 1-25, 2014.

MILIOLI, D. e GALINDO, D. Subjetivações Selvagens: Devires Insetos para Dançar nas Fendas Imperceptíveis e Atravessar Fronteiras. In: REIS, A. C. [et al] (Orgs.) *Psicologia Social em experimentações* (pp. 522-542). Florianópolis: ABRAPSO Editora. Edições do Bosque, CFH/UFSC, 2015.

MORAES, M. PesquisarCOM: Política Ontológica e Deficiência Visual (pp. 15-31). In: MORAES, M. e KASTRUP, V. (Orgs.) *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

MOL, A. I eat an Apple: On Theorinzing Subjectivities. *Subjectivity*, n. 22, p. 28-37, 2008.

NOVERO, C. Posthuman Animals and the Avant-Garde: The Case of Daniel Spoerri. *Antennae*, n. 26, p. 59-77, outono, 2013.

PAUCAR, R. *A Arte Acadêmica da Equitação com Marijke de Jong. Entrevista de Marijke de Jong a Equitrekking por Raina Paucar*. Tradução e versão por Victor G Freire, 2012. Disponível em <<http://www.treinamentoretidao.com.br/imagens/Entrevista-de-Marijke-de-Jong-a-Equitrekking-por-Raina-Paucar-2.pdf> > Acesso 22/4/ 2015.

PELBART, P. P. Elementos para uma cartografia da grupalidade (pp. 33-37). In: SAADI, F e GARCIA, S. (Orgs.). *Próximo ato: questões da teatralidade contemporânea*. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

STENGERS, I. *A Invenção das Ciências Modernas*. São Paulo, Ed. 34, 2002.

STRIVAY, L. e MOUGENOT, C. Nada dá certo: Pequenos Quadros Controversos de Geopolítica do Coelho. *Anuário Antropológico*, n. 2, p. 135-158, 2012.

Agradecimentos: Agradecemos a Juliana Dorneles, Doutora em Psicologia pela PUCSP, pela abertura do rancho Cavalariças à pesquisa.